

INSTITUTO DE ESTUDOS POLITICOS
IEP-UCP
ESTORIL POLITICAL FORUM
27, 28 e 29 de Junho 2022
PAINEL SOBRE PERSPECTIVAS DE PAZ NO CABO DELGADO (MOÇAMBIQUE)

Dinâmicas inter-religiosas com impacto na sociedade civil local em Cabo Delgado¹

A definição de um ponto de partida

Cristina Sá Carvalho
UCP-FT, UCP-IEP/CIEP-LIPS

Em nome de Deus e de tudo o que foi dito até agora; Al-Azhar al-Sharif e os muçulmanos do Oriente e do Ocidente, juntamente com a Igreja Católica e os católicos do Oriente e do Ocidente, declaram como caminho a adoção de uma cultura de diálogo; cooperação mútua como código de conduta; entendimento recíproco como método e padrão.²

Em 2019, o Papa Francisco assinou, com o Sheikh Ahmed Mohamed el-Tayeb, imã da Mesquita de al-Azhar, no Cairo, uma declaração conjunta de caminho na paz e na fraternidade. O VaticanNews, portal oficial do Vaticano, descreve o imã como uma referência mundial do Islão sunita e explica que o documento resulta da amizade desenvolvida entre estes dois homens e ocasionada por múltiplos encontros. De facto, também el-Tayeb se refere ao líder dos católicos como «meu irmão Papa Francisco, amigo no caminho da fraternidade e da paz» e elucida-nos que o Documento da Fraternidade Humana é a celebração de um acontecimento histórico mundial que convida à cooperação e ao fim das guerras» e à rejeição das «políticas de intolerância, ódio e poder».³

¹ Este estudo integra-se no projeto de Paz para Cabo Delgado empreendido pela Linha de Investigação em Paz e Sociedade Civil, do CIEP/Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.

² FRANCISCO - AHMAD AL-TAYYEB, *Documento sobre a fraternidade humana para a paz mundial e a convivência* (Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019). Esta proposta constitui também o texto conclusivo da Carta Encíclica «*Fratelli Tutti*», (3 de outubro de 2020), 285, o objetivo que o Papa Francisco quer que se atinja no sentido de - «em nome da lama humana inocente que Deus proibiu de matar» - acudir às vítimas, defender os fracos, alimentar os fracos, devolver a todos os direitos e deveres decorrentes da sua dignidade ignorada e criar possibilidades de paz e de prosperidade para todos.

³ Em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-02/dia-fraternidade-humana-papa-imame-al-azhar-cerimonia-premio.html>. Consultado em 20 de junho de 2022. O documento, assinado a 4 de fevereiro de 2019, foi apresentado em Abu Dhabi, na comemoração do 1º Dia Internacional da Fraternidade Humana, instituído pela ONU em dezembro de 2018. A 21 de dezembro de 2020, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou unanimemente o dia 4 de fevereiro como Dia Internacional da Fraternidade Humana através de uma resolução que convida os Estados-membros a celebrá-lo para «promover o diálogo inter-religioso e intercultural». Na

Do mesmo modo, sublinha o imã, o documento renova, concretamente, o compromisso com o trabalho conjunto em prol da paz e traduz o seu desejo pessoal que o dia 4 de fevereiro seja, a cada ano, um chamamento para «despertar o mundo e os seus líderes, impulsionando-os a consolidar os princípios da fraternidade humana», pois é sua forte convicção, «todos somos irmãos com direito a viver a paz».⁴

Deste documento, e de tudo o que o inspira, resultou, em grande parte, a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a Fraternidade e a Amizade Social, relativamente à qual explica o Papa, seu autor:

cerimónia de 4 de fevereiro de 2019 foram reconhecidos António Guterres, Secretário Geral da Organização, homenageado por ser «um dos pilares portadores da paz mundial», eventualmente, «o pilar mais forte de todos na conquista da paz», e a Latifa Ibn Zaiaten, pelo seu trabalho, «modelo para o mundo inteiro», realizado em território francês, de apoio e recuperação a jovens presos ou com dificuldades escolares, procurando assim lutar contra o terrorismo que fez do seu filho mais uma vítima. O evento, que o Papa também definiu como da promoção do diálogo inter-religioso e inter-cultural (Audiência Geral de 3 de fevereiro de 2021), foi impulsionado pelo Xequé Mohammed bin Zayed, Príncipe Herdeiro de Abu Dhabi, que dá o nome ao Prémio Zayed para a Fraternidade Humana, também inspirado pela referida declaração. A propósito do galardão oferecido a Guterres, é importante referir que, num contexto mundial de proliferação de guerras, o Papa Francisco escreveu: «é preciso garantir o domínio incontestado do direito e o recurso incansável às negociações, aos mediadores e à arbitragem, como é proposto pela *Carta das Nações Unidas*, verdadeira norma jurídica fundamental». Quero destacar que os 75 anos de existência das Nações Unidas e a experiência dos primeiros 20 anos deste milénio mostram que a plena aplicação das normas internacionais é realmente eficaz e que a sua inobservância é nociva. A *Carta das Nações Unidas*, respeitada e aplicada com transparência e sinceridade, é um ponto de referência obrigatório de justiça e um veículo de paz. Mas isto pressupõe não disfarçar intenções ilícitas nem colocar os interesses particulares de um país ou grupo acima do bem comum mundial. Se a norma é considerada um instrumento que se usa quando resulta favorável e se contorna quando não o é, desencadeiam-se forças incontroláveis que causam grande dano às sociedades, aos mais frágeis, à fraternidade, ao meio ambiente e aos bens culturais, com perdas irrecuperáveis para a comunidade global.» Papa Francisco Carta Encíclica «*Fratelli Tutti*», (3 de outubro de 2020).

257. O mesmo já afirmara no seu *Discurso à Organização das Nações Unidas* (Nova Iorque – Estados Unidos da América, 25 de setembro de 2015).

⁴ VaticanNews, *Dia-da-fraternidade-humana*. Após a assinatura da também conhecida como «declaração católico-islâmica para a paz mundial e a convivência comum», em 2019, foi criado o Comité Supremo para a Fraternidade Humana, cuja missão consiste na tradução das «aspirações do documento em compromissos duradouros e ações concretas para fomentar a fraternidade, solidariedade, o respeito e a compreensão mútua». Este Comité Supremo está a levar a cabo a construção de uma Casa da Família Abraâmica, integrando os templos das três religiões monoteístas cuja origem comum é reconhecida como sendo Abraão, ou uma tradição religiosa identificada com esta figura bíblica: a Sinagoga Moisés Bem Maimon, a igreja de S. Francisco, aberta às denominações cristãs, e a mesquita Imam al-Tayyeb. Todo o complexo se localiza na ilha Saadiyat, em Abu Dhabi, conjuntamente com um centro educativo que expressará os valores do respeito recíproco e da convivência pacífica, enquanto que o caráter único de cada fé é preservado. Trata-se de um espaço de «mutua compreensão, harmoniosa coexistência e paz entre pessoas de fé e boa vontade. [...] um espaço de aprendizagem, diálogo e oração – aberto a todos» e reflexo de tolerância e hospitalidade. <https://www.forhumanfraternity.org>, consultado em 20 de junho de 2022. O Comité desenvolve projetos com jovens (Human Fraternity Education and Leadership Program, HELP) e especificamente dirigidos às mulheres (HCHF Women's Forum, que celebra o Dia Mundial da Mulher e teve a primeira edição em 2021). O Comité Supremo da Fraternidade Humana (HCHF) e o ACNUR, a Agência das Nações Unidas para Refugiados, também assinaram uma carta de intenções (maio de 2020), estabelecendo uma parceria para desenvolver iniciativas humanitárias conjuntas para o fornecimento de proteção e assistência internacional a refugiados e outras pessoas de interesse, como esforço para implementar os princípios do Documento da Fraternidade Humana, que menciona o cuidado com os refugiados em todo o mundo, uma causa que continuamente mobiliza o Papa Francisco como parte das sinergias necessárias ao serviço da paz.

Em <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2021-05/comite-superior-fraternidade-humana-acnur-aco-es-humanitarias.html>. Consultado em 20 de junho de 2022.

senti-me especialmente estimulado pelo Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, com quem me encontrei, em Abu Dhabi, para lembrar que Deus «criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos». Não se tratou de mero ato diplomático, mas duma reflexão feita em diálogo e dum compromisso conjunto. Esta encíclica reúne e desenvolve grandes temas expostos naquele documento que assinamos juntos.⁵

Similarmente, o Papa Francisco dedicou a sua primeira intenção de oração de 2021 à fraternidade humana, convidando os católicos a ver no outro «um irmão, uma irmã», seja qual for a sua religião:

Ao rezar a Deus seguindo Jesus, unimo-nos como irmãos àqueles que rezam seguindo outras culturas, outras tradições e outras crenças. Somos irmãos que rezam. A fraternidade leva-nos a abrimo-nos ao Pai de todos e a ver no outro um irmão, uma irmã, para partilhar a vida ou para se apoiar mutuamente, para amar, para conhecer.⁶

1. Uma leitura regional, um programa para construir a paz

Uma situação comum é, sem dúvida, o facto da África estar saturada de problemas: em quase todas as nossas nações existem condições de miséria espantosa, má administração dos poucos recursos disponíveis, instabilidade política e desorientação social. O resultado está à vista: desolação, guerras e desespero. Num mundo controlado pelas nações ricas e poderosas, a África tornou-se praticamente um apêndice sem importância, muitas vezes esquecida e abandonada por todos.⁷

O Documento de Abu Dhabi começa por explicar que «a fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar», criado por Deus, «iguais pela Sua misericórdia», em direitos,

⁵ «*Fratelli Tutti*», 5. «Nesta fase decisiva da história humana, estamos numa encruzilhada: por um lado, a fraternidade universal na qual a humanidade se regozija, por outro, uma miséria aguda que incrementará o sofrimento e a privação das pessoas», sublinhou o juiz Mohamed Mahmoud Abdel Salam, secretário-geral do Comité Supremo para Fraternidade Humana, durante a apresentação da «*Fratelli Tutti*», a 4 de outubro de 2020, em Roma.

⁶ «Ao serviço da fraternidade», Intenção de oração do Papa, Rede Mundial de Oração, 1 de janeiro de 2021. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=f4gHk8QQs8Y&list=RDCMUCj3F1SOuOBiM02OTbCrBJXA>

⁷ Papa S. João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia In Africa*, 14 de setembro de 1995, 40; o Santo Padre cita os Padres Sinodais da Primeira Assembleia Especial para África do Sínodo dos Bispos sob o tema «A Igreja na África e sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000: “Sereis minhas testemunhas” (At 1, 8)»: *Relatio ante disceptationem* (11 aprile 1994), 5: L’*Ossevatore Romano*, 13 aprile 1994, p. 4. O Sínodo decorreu entre abril e maio de 1994 e a «Mensagem ao Povo de Deus», documento final do mesmo, seria publicada em 8 de maio de 1994. Um segundo Sínodo dos Bispos para a África foi convocado pelo Papa Bento XVI em 2006, sob o tema «A Igreja na África ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz. “Vós sois o sal da terra ... vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 13-14)». O Sínodo realizou-se em outubro de 2009, verificando as dificuldades encontradas na implementação das resoluções anteriores.

deveres e dignidade. O crente é convocado, pela sua fé, a exprimir esta condição através da fraternidade humana, «salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres». Tal far-se-á pela partilha das alegrias e das tristezas e dos problemas do mundo contemporâneo, a nível do progresso científico e técnico, das conquistas das terapêuticas, do digital e da comunicação social. E procurará sanar os efeitos devastadores da pobreza, da guerra e dos seus efeitos, causados pela corrida ao armamento, pelas injustiças sociais, a corrupção, a degradação moral, o terrorismo, a discriminação e o extremismo.⁸

Numa unidade territorial e administrativa da Igreja católica em África⁹, este documento teve um impacto importante: em Pemba (designação da Diocese), Cabo Delgado, Moçambique, originou a *Declaração Inter-Religiosa de Pemba*, publicada em 3 de janeiro de 2022. Nela pode ler-se que,

nós, as lideranças religiosas da Província de Cabo Delgado, reunidos nos dias 14, 15 e 22 de dezembro de 2021 na cidade de Pemba, em seminário inter-religioso sob a inspiração do Documento da Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial (Abu Dhabi 2019), para reflectirmos a respeito da «Religião como parte da solução ao conflito em Cabo Delgado», num contexto em que a província se encontra «*mergulhada*» numa crise humanitária profunda causada pela violência terrorista, em uma regressão dos indicadores de desenvolvimento integral também agravada¹⁰ pelas consequências de prevenção contra a pandemia Covid 19, ...

Assim, declaram «forte união perante a ameaça de ruptura e o nosso unânime repúdio» face aos «actos terroristas e extremistas» que assolam a região e afirmam «o nosso compromisso para caminharmos lado a lado em prol da paz e da fraternidade». Nesse contexto, comprometem-se a trabalhar pelo «verdadeiro sentido da religião», para que esta não se confunda com o terrorismo, rejeitando que este seja atribuído «à religião muçulmana» e/ou

⁸ Cf. FRANCISCO - AHMAD AL-TAYYEB, *Documento sobre a fraternidade humana*, Prefácio.

⁹ Note-se que o Papa S. João Paulo II já escrevera na Exortação Pos-sinodal *Ecclesia In Africa*, 109: «A obrigação de se empenhar a favor do desenvolvimento dos povos não é um dever apenas *individual*, e menos ainda *individualista*, como se fosse possível consegui-lo com os esforços isolados de cada um. Trata-se de um imperativo tanto para *cada homem e cada mulher*, como para *as sociedades e as nações*; de modo particular, é um imperativo para a Igreja Católica e para as outras Igrejas e Comunidades eclesiais, com as quais os católicos estão dispostos a colaborar neste campo. [...] Com o fim de favorecer o desenvolvimento integral do homem, muito podem conseguir os católicos unidos com os crentes das outras religiões, como, aliás, já sucede em diversos lugares.»

¹⁰ Os autores da Declaração avaliam a situação também a partir de «outros factores preocupantes», a saber, as históricas desigualdades sociais, o elevado índice de analfabetismo, a crise de valores éticos-morais e as polarizações étnicas e religiosas «que ameaçam o actual contexto e convívio social» e «violam a dignidade humana».

associado «aos princípios do Islão», identificando tais associações como deturpações das doutrinas religiosas.

Os proponentes do Documento de Pemba afirmam, ainda, que se comprometem com uma «atitude positiva e proactiva» para com os membros das outras religiões, vencendo a desconfiança e o preconceito, trabalhando, outro sim, para o conhecimento mútuo e a partilha, pois, «todas as religiões formam parte do desígnio do Deus Altíssimo e, por isso, são um bem» e jamais um verdadeiro profeta ou líder religioso ensinou a violência. É, pois, necessário o diálogo «dentro» e «entre» as religiões, para o encontro e o reconhecimento mútuo.

Deste modo será possível exortar a sociedade a dialogar, honesta e francamente, para resolver os seus problemas. O preconceito que impede que cada um veja no outro um ser semelhante, «em igualdade de dignidade», é repudiado e identificada a necessidade de abraçar os Direitos Humanos Fundamentais, protetores dessa dignidade. Para tal, os líderes religiosos que assinam a declaração promoverão a formação das populações, não só a partir do conhecimento das escrituras, mas também da ciência com a qual «melhor interpretar a realidade», assim como a realização de orações conjuntas em prol da paz duradoura.

Uma atenção relevante é dada aos jovens e à sua situação: «estar sempre na linha da frente para mobilizar e sensibilizar os nossos adolescentes e jovens» desencorajando-os de aderirem ao extremismo e ao uso da violência; «acolher, acompanhar e “reabilitar”, com trabalho psicossocial e espiritual de longa duração, aqueles que já sofrem o impacto da violência», tanto as suas vítimas como os perpetradores, numa lógica de «reconciliação e reinserção social». Finalmente, os líderes religiosos de Pemba¹¹ promovem a colaboração com o governo, as instituições e organizações «de bem» dedicadas à «Paz na Província de Cabo Delgado».

2. «Tribulação e drama»

Pemba é, pois, uma região de África sobre a qual se noticia regularmente pelos constantes atentados terroristas de que é vítima e pelo seu crescente número de deslocados, dos quais 27%

¹¹ O documento é assinado pelo então administrador da diocese católica de Pemba, e atual Bispo, D. António Juliasso Sandramo, pelo Sheikh Nassurulahe Dulá, do Congresso Islâmico de Moçambique, pelo pastor Alberto Sabão, do Conselho Cristão de Moçambique, pelo Sheikh Abdul Latifo Incachada, da Comunidade Islâmica de Cabo Delgado, pelo Sheikh Vitorino Luís Promoja, da União de Jovens Muçulmanos, e pelo Sheikh Ismail Selemane, do Conselho dos Álimos de Cabo Delgado. À data, o conflito já provocara mais de 3.100 mortes e 817 mil deslocados, de acordo com as autoridades locais e organizações internacionais a operar no terreno.

são mulheres e 52% são crianças. A guerra persiste há cinco anos, apoiada pelo extremismo islâmico internacional¹², afetando já quatro províncias do norte de Moçambique. Cabo Delgado é uma província do extremo nordeste do país, cuja situação a Conferência Episcopal de Moçambique descreve como uma «grande tribulação e um imenso drama humano»¹³:

«insurgência» armada que, progressivamente mais violenta e cruel, tem alastrado a muitas vilas e aldeias, sob a forma de guerrilha e terrorismo, com um cortejo de destruições (que não poupa igrejas), mortes (mais de mil segundo a ONU), fuga das populações e um número crescente de refugiados (712 mil) dentro daquela Província, sobretudo junto à capital (Pemba), mas também nas vizinhas províncias do Niassa e Nampula, em busca de segurança e sobrevivência.¹⁴

A situação calamitosa de Cabo Delgado é frequentemente identificada com a descoberta, em 2012, de imensas jazidas de gás liquefeito e de hidrocarbonetos, assim como de jazigos de

¹² «O jihadismo salafista tem provocado o terror nas populações que fogem aos magotes para sul, depois de terem presenciado as maiores barbaridades como decapitações, violação de mulheres, rapto de crianças, destruição de colheitas e fogo posto em casas de habitação e edifícios públicos. As autoridades do país reagiram tarde à crise e com pouco músculo tendo pedido ajuda tardiamente.» José Brissos Lino, Vestígios de Azul, *Visão*, 19 de janeiro de 2022. Em <https://visao.sapo.pt/opiniaovestigios-de-azul/2022-01-19-mocambique-uma-licao-para-o-mundo/>, consultado em 20 de junho de 2022. No entanto, outras vezes referem que «nadie sabe quiénes son realmente los autores de estos ataques. [...] Los milicianos yihadistas pertenecientes al Estado Islámico lo han reivindicado. Algunos analistas han dicho que son solo un peón en una lucha por el control de los pozos petroleros de los cuales es rica la región. Es difícil decir cuál es la verdad. Actualmente se ha extendido la hipótesis según la cual se trata de milicianos vinculados al narcotráfico. Esta hipótesis podría acercarse a la realidad porque el norte de Mozambique podría convertirse en un área estratégica para el tráfico de drogas desde Asia Central.» São palavras de Arlain Pierre, missionário católico, datadas de 23 de junho de 2020, que refere a atuação «muito ligeira» do governo de Filipe Nyusi e as condições muito difíceis dos refugiados que chegam a Nampula, Agência Fides. http://www.fides.org/es/news/68196AFRICA_MOZAMBIQUE_Oleada_de_refugiados_en_la_provincia_del_Norte_debido_a_violencia_y_destruccion.

Seja como for, há que escutar a análise do Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, 12, que parece aplicar-se a Cabo Delgado *ipsis verbis* «“Abrir-se ao mundo” é uma expressão de que, hoje, se apropriaram a economia e as finanças. Refere-se exclusivamente à abertura aos interesses estrangeiros ou à liberdade dos poderes económicos para investir sem entraves nem complicações em todos os países. Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque “a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos”. Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência. Em contrapartida, aumentam os mercados, onde as pessoas desempenham funções de consumidores ou de espectadores. O avanço deste globalismo favorece normalmente a identidade dos mais fortes que se protegem a si mesmos, mas procura dissolver as identidades das regiões mais frágeis e pobres, tornando-as mais vulneráveis e dependentes. Desta forma, a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes económicos transnacionais que aplicam o lema “divide e reinarás”».

¹³ Conferência Episcopal de Moçambique, «A paz esteja convosco» (Lc 24, 37) Comunicado da Conferência Episcopal de Moçambique às Comunidades Cristãs e às pessoas de boa vontade, 18 de abril de 2021. Em <http://jupax.org/wp-content/uploads/2021/04/Comunicado-CEM-I-Plenaria-2021-1.pdf>. Consultado em 20 de junho de 2022.

As dificuldades que enfrenta Moçambique foram identificadas detalhadamente em: Conferência Episcopal de Moçambique, Nota Pastoral «Alegrei-me quando me disseram: Vamos para a Casa do Senhor» (salmo 122,1) Viver a Fé em tempo de Pandemia, 13/06/2020. Em <https://jupax.org/nota-pastoral-da-conferencia-episcopal-de-mocambique/>. Consultado em 20 de junho de 2022.

¹⁴ P. Luciano Ferreira, CM, «O que está a acontecer em Cabo Delgado?», <https://www.padresvicentinos.net/missao-onlife-luciano-ferreira>.

níquel, grafite, mármore, rubis, safiras e outras pedras preciosas. Os recursos florestais são abundantes, assim como os pesqueiros. Trata-se também de uma região com grandes condições para o turismo, a arte e a cultura e que, por todas estas potencialidades, atraiu a atenção de grandes conglomerados, interessados na sua exploração intensa, sem que se tenham confrontado ou negociado com um governo capaz de regular e fiscalizar as suas operações.¹⁵ A chamada «insurgência» armada, financiada dentro e fora do país, por redes criminosas, e mais recentemente, ligada ao Estado Islâmico, tem, entretanto, e sob a forma de guerrilha e de terrorismo, destruído vidas e património, assim como as mais diversas infraestruturas (habitação, escolas, negócios, vias de comunicação, ...)»¹⁶. A esta situação gravíssima somou-se a devastação do ciclone Keneth (maio de 2019) e, desde março de 2020, a pandemia do Covid 19 que tem em Cabo Delgado a população afetada com a segunda taxa mais elevada de contágio do contexto moçambicano.

Em geral, parece que a província tem sofrido longamente com a ausência do Estado e um vazio de governação na região, fragilizando-a perante os acordos realizados entre o governo e um amplo grupo de multinacionais¹⁷. Por outro lado, conforme indica o Documento de Pemba, o

¹⁵ Esta é uma avaliação recorrente: «Despite having significant economic potential in terms of natural resources and tourism, Cabo Delgado is one of the poorest regions in Mozambique and is a hub for wildlife, human and drug trafficking; it also has the highest illiteracy rate in the country (67%), a history of economic marginalization and high unemployment rates. Since October 2017, the province has seen an increase in violent attacks, creating a climate of fear and distrust in communities. The insecurity has forced families out of their homes and into host communities, overstretching resilience capacities. The devastation caused by Cyclone Kenneth in April 2019 destroyed over 45,000 homes in Cabo Delgado and Nampula as well as farmland, livestock and fisheries. This has further compounded the economic difficulties in the region and tension within communities.» Em <https://www.usaid.gov/mozambique/fact-sheets/building-community-resilience-cabo-delgado> consultado em 10 de julho de 2022.

¹⁶ Veja-se, por exemplo, o detalhado estudo de Liazzat J.K. Bonate, «O Jihadismo Transnacional e a Insurgência em Cabo Delgado, Moçambique», *Afro-Ásia*, n.º65 (2022), 519-553. E também Sérgio Chichava, «Os primeiros sinais do “AL Shabaab” em Cabo Delgado: algumas histórias de Macomia e Ancuabe», IESE, *IDEIAS*, Boletim n.º 129, 24 de abril de 2020. Em https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-129_SC.pdf. Consultado em 20 de junho de 2022.

¹⁷ O Papa Francisco (*Fratelli Tutti*, 176) recorda que «atualmente muitos possuem uma má noção da política, e não se pode ignorar que frequentemente, por trás deste facto, estão os erros, a corrupção e a ineficiência de alguns políticos. A isto vêm juntar-se as estratégias que visam enfraquecê-la, substituí-la pela economia ou dominá-la por alguma ideologia. E contudo poderá o mundo funcionar sem política? Poderá encontrar um caminho eficaz para a fraternidade universal e a paz social sem uma boa política?» Esta evitaria o mau uso do poder, a justificação falaciosa de uma economia sem política e o paradigma eficientista mas avançaria para uma «“política que pense com visão ampla e leve por diante uma reformulação integral, abrangendo num diálogo interdisciplinar os vários aspetos da crise”. Penso numa “política salutar, capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas”. Não se pode pedir isto à economia, nem aceitar que ela assuma o poder real do Estado.» Este conjunto de princípios já está desenvolvido na doutrina da Casa Comum ou da Ecologia Integral, expostos e justificados na Exortação Apostólica *Laudato Sí* (de 24 de maio de 2015) que o Papa redigiu anteriormente. No documento de Abu Dhabi surge sistematizado num pedido «aos artífices da política internacional e da economia mundial, para se comprometer seriamente na difusão da tolerância, da convivência e da paz; para intervir, o mais breve possível, a fim de se impedir o derramamento de sangue inocente».

extremismo islâmico encontrou terreno fértil para radicalizar os jovens locais, muitos também enredados nas teias do tráfico de drogas pesadas oriundas do Afeganistão.

Para responder à calamidade humanitária operam no terreno, através da Igreja Católica, Congregações missionárias, a Cáritas e a Fundação à Ajuda à Igreja que Sofre. Do mesmo modo está presente a Fundação Aga Khan e também proporcionam socorro Organizações da ONU (ACNUR, Save the Children, PAM, UNICEF), da Cruz Vermelha e ONGs (como a OIKOS e a HELPO), promovendo campanhas e redes de apoio, reconstruindo infraestruturas de proteção, de alimentação, de educação e de saúde. Muitos são os agentes voluntários a operar nos acampamentos dos deslocados internos ou dos refugiados nas províncias vizinhas do Niassa e de Nampula.

3. «Somos todos irmãos»

Naquele encontro fraterno, que recordo jubilosamente, com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb «declaramos – firmemente – que as religiões nunca incitam à guerra e não solicitam sentimentos de ódio, hostilidade, extremismo nem convidam à violência ou ao derramamento de sangue. Estas calamidades são fruto de desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e também das interpretações de grupos de homens de religião que abusaram – nalgumas fases da história – da influência do sentimento religioso sobre os corações dos homens [...]. Com efeito Deus, o Todo-Poderoso, não precisa de ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas». Por isso, quero retomar aqui o apelo à paz, justiça e fraternidade que fizemos juntos.¹⁸

Uma abordagem avaliativa e prospetiva da situação em Cabo Delgado que contribua para uma visão construtiva do futuro da região, numa lógica de paz e de sociedade civil, que é a que pretendemos, deve ter em conta a importância identitária, social, cultural e política das pertenças religiosas da população. Um ponto de partida, e uma moldura estruturante de análise, é o magistério da Igreja católica – especialmente nas áreas da promoção da paz e do desenvolvimento e no fomento das relações ecuménicas e inter-religiosas – e na forma como este é acolhido, pela hierarquia e pelos fiéis, para os quais significa uma linguagem comum e uma cosmovisão partilhada.

¹⁸ *Fratelli Tutti*, 285.

Sublinhamos, pois, que a situação religiosa e eclesial de Cabo Delgado, referida a partir de uma abordagem baseada na convivência e no diálogo entre as comunidades cristãs, e destas com as comunidades muçulmanas, constitui-se como uma dinâmica de grande valor para um futuro de paz e de concórdia na região. Tanto as comunidades católicas como as comunidades muçulmanas desenvolvem localmente uma atividade educativa e assistencial intensas e assim foram reconhecidas como referências centrais deste estudo e irrecusáveis eixos potenciadores da fraternidade e da paz.

Também como já foi referido, o documento de Abu Dabhi estimulou e inspirou o Papa Francisco a escrever a sua mais recente reflexão de fundo, «Fratelli Tutti»¹⁹. Neste texto, o Papa desenvolve o conceito, que utiliza frequentemente, e mesmo depois da invasão da Ucrânia, da «guerra mundial aos pedaços»²⁰, explicando como estamos todos no mesmo barco, num momento da história em que a crise global desmascara a vulnerabilidade de todo um planeta²¹. Este é um apelo à paz, pois como «a violência gera mais violência, o ódio gera mais ódio, e a morte mais morte. Temos de quebrar esta corrente que aparece como inelutável»²².

¹⁹ Num Papa que prefere as Exortações Apostólicas às Cartas Encíclicas, produzindo estas últimas em menor número, mas nesse grupo incluindo o texto referido, o qual ainda introduz a novidade histórica de um título oficial em italiano. Assim se verifica a importância que o autor atribui à mensagem e o seu desejo de ampla difusão. Encíclica vem do latim *littērae encyclīcae* e é, pela sua etimologia grega, uma «carta circular», vinculativamente enviada aos fiéis, hierarquia compreendida, e esta tem o dever de agir, divulgar e sobre ela ensinar; são textos que procuram definir um rumo para a Igreja ou o modo como esta deve lidar com as circunstâncias globais. É um exercício do magistério ordinário do Papa, sublinhado por uma interpretação histórica de solenidade que lhe confere particular relevância. A «Fratelli Tutti» não só não indica um grupo de leitores específicos como não é endereçada às pessoas de boa vontade, forma que os Papas usaram já para exprimir um alargamento da audiência esperada. Inicia-se com a invocação do Santo da Paz, S. Francisco de Assis, cujo nome o Papa adoptou, chamando-lhe aqui «Santo do amor fraterno» o qual «semeou paz por toda a parte» e nas suas múltiplas viagens - «sem fronteiras», andou junto «dos últimos». O Papa recorda, muito oportunamente, que a atitude – que poderemos assimilar como política, no seu encontro com as lideranças locais – era de «uma “submissão” humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé». S. Francisco de Assis é também um santo de vasta aceitação popular. *Fratelli Tutti*, 1-4.

²⁰ *Fratelli Tutti*, 259.

²¹ Papa Francisco, *Momento Extraordinário de Oração em Tempo de Epidemia*. Adro da Basílica de S. Pedro, 27 de março de 2020. O Papa retomará a expressão – *Fratelli Tutti*, 30 – ao recordar os efeitos devastadores da cultura da indiferença e do cinismo que promove: «No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia doutros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onnipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco.» Esta é sobretudo uma crítica ao ocidente, aos países afluentes, e à forma como lidam com as necessidades e com as riquezas dos outros povos, incapazes de se lhe abrir, lembrando, por exemplo, que os Pais fundadores da Europa lhe imaginaram «um futuro assente na capacidade de trabalhar juntos para superar as divisões e promover a paz e a comunhão entre todos os povos do continente».

²² *Fratelli Tutti*, 227.

Para tal, o Papa Francisco define uma «arquitetura e artesanato da paz»²³ que permita um trabalho conjunto, sem homogeneização da sociedade, reconhecendo que o outro tem a possibilidade de contribuir com uma perspectiva legítima, lutando pela justiça, buscando a reconciliação e o desenvolvimento mútuo pelo diálogo,

formando uma nova sociedade baseada no serviço aos outros, e não no desejo de dominar; uma sociedade baseada na partilha do que se possui com os outros, e não na luta egoísta de cada um pela maior riqueza possível; uma sociedade na qual o valor de estar juntos como seres humanos é, em última análise, mais importante do que qualquer grupo menor, seja ele a família, a nação, a etnia ou a cultura.²⁴

Tal como mostra a resistência e a resiliência dos povos atingidos pela guerra e a esperança de retorno ao lar dos deslocados ou emigrados, a superação das divisões só pode fazer-se se não estiver em risco a identidade e o sentido de pertença de cada um. A consideração dessas identidades exige o esforço artesanal da proximidade e do encontro, a partir do estilo de vida diária de cada pessoa, e os processos de paz bem-sucedidos ensinaram-nos que,

estes caminhos de pacificação, de primazia da razão sobre a vingança, de delicada harmonia entre a política e o direito, não podem prescindir das pessoas implicadas nos processos. Não basta o desenho de quadros normativos e acordos institucionais entre grupos políticos ou económicos de boa vontade [...]. Além disso, é sempre enriquecedor incorporar nos nossos processos de paz a experiência de setores que, em muitas ocasiões, foram deixados de lado, para que sejam precisamente as comunidades a revestir os processos de memória coletiva.²⁵

O Papa recorda que a paz não é um estado permanente, mas um exercício voluntariamente dinâmico, «uma tarefa que não dá tréguas e exige o compromisso de todos». Não há, pois, oportunidade para o esmorecimento e devemos persistir «na labuta por favorecer a cultura do encontro que exige que, no centro de toda a ação política, social e económica, se coloque a pessoa humana, a sua sublime dignidade e o respeito pelo bem comum», excluindo decididamente a «vingança e busca de interesses apenas particulares e a curto prazo»²⁶. É especialmente útil para o investigador em ciência política entender que «a guerra é um fracasso da política e da humanidade, uma rendição vergonhosa, uma derrota perante as forças do mal.

²³ *Fratelli Tutti*, 228-232.

²⁴ Conferência dos Bispos da África do Sul, *Pastoral letter on christian hope in the current crisis* (maio de 1986), apud. cit. *Fratelli Tutti*, 231.

²⁵ Francisco, Homilia «Dignidade da pessoa e direitos humanos» (Cartagena das Índias – Colômbia 10 de setembro de 2017).

²⁶ *Fratelli Tutti*, 232.

Não fiquemos em discussões teóricas, tomemos contacto com as feridas, toquemos a carne de quem paga os danos.»²⁷

4. «Tomar contacto com as feridas»: uma investigação de longo curso

a razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade.²⁸

São vários os pontos de vista a partir da qual a situação descrita, de guerra e de terrorismo, pode ser investigada, assim como vários são os contributos possíveis e necessários para a sua resolução, como sejam a intervenção da União Europeia, a ação em função da promoção da mulher, o papel da União Africana, ... A parcela do projeto da LIPS a que nos referimos em concreto, e que aqui introduzimos, prende-se com o contributo que o diálogo inter-religioso pode dar para a reconstrução e desenvolvimento da região de Cabo Delgado, em Moçambique, uma comunidade que, clarificado na Declaração dos seus líderes religiosos, parece querer (re)fundar-se pelo princípio abraâmico de que só com uma «consciência de filhos que não são órfãos, podemos viver em paz entre nós».²⁹

Atendendo à natureza inter-religiosa de Pemba/Cabo Delgado, para um entendimento coerente das circunstâncias, um levantamento profícuo das variáveis em presença e a orquestração de um aconselhamento adequado e justo³⁰, é necessário que o ponto de vista das várias comunidades presentes seja igualmente invocado e trabalhado. Assim, nas próximas etapas pretendemos atingir os seguintes *objetivos, inspirados* pelo documento de Abu Dhabi:

²⁷ *Fratelli Tutti*, 261.

²⁸ Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009), 19.

²⁹ Francisco, *Homilia na Missa matutina de Santa Marta* (17 de maio de 2020).

³⁰ «A paz e a estabilidade internacionais não podem ser fundadas num falso sentido de segurança, na ameaça de uma destruição recíproca ou de um aniquilamento total, na manutenção de um equilíbrio de poder. [...] A crescente interdependência e a globalização significam que a resposta deve ser coletiva e planeada, [...] baseada na confiança recíproca, que só pode ser construída através do diálogo sinceramente dirigido para o bem comum e não para a tutela de interesses velados ou particulares. E, com o dinheiro usado em armas e noutras despesas militares, constituamos um Fundo mundial, para acabar de vez com a fome e para o desenvolvimento dos países mais pobres, a fim de que os seus habitantes não recorram a soluções violentas ou enganadoras, nem precisem de abandonar os seus países à procura duma vida mais digna.» *Fratelli Tutti*, 262. Este pedido do Fundo mundial vem já do Papa São Paulo VI, Cf. Carta enc. *Populorum progressio* (26 de março de 1967), 51.

- I** - Identificar as características do *diálogo inter-religioso*³¹ que estão presentes em Cabo Delgado³² e clarificar quais os indicadores culturais de natureza religiosa aplicados nas conversações e ações a decorrer no terreno;
- II** – Determinar as condições efetivas de *cooperação mútua* (projetos de intervenção) eventualmente presentes no terreno: papel das instituições e líderes religiosos no desenvolvimento local e regional, a partir das suas próprias metas, partilhadas ou próprias;
- III** – Propor linhas metodológicas e *critérios de compreensão e intervenção recíproca* a favor da paz, de forma a promover uma cultura de conhecimento comum orientada para o desenvolvimento e recuperação da região, numa lógica de construção da paz.

No quadro metodológico definido, pretendemos registar as ações realizadas no terreno por organizações ligadas à Igreja Católica e à Comunidade Muçulmana, com base em entrevistas/dados cedidos pela Diocese de Pemba, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, Fundação Aga Khan, Comunidade Islâmica Portuguesa, entre outros. Também procuraremos identificar as características do diálogo inter-religioso que podem ser replicadas em intervenções em contextos menos sensíveis às particularidades do terreno.

No âmbito da comunidade muçulmana, através de uma revisão aprofundada da literatura existente, projetos de intervenção no terreno e entrevistas realizadas com líderes dessa mesma comunidade, procurar-se-á perceber como a dinâmica das várias instituições e comunidades muçulmanas presentes em Cabo Delgado impactam, positiva ou negativamente, sobre o desenvolvimento da província, no bem-estar da sociedade civil local, na resolução do conflito existente, bem como no aprofundamento da paz e do diálogo inter-religioso (muçulmano e não muçulmano).³³

³¹ Como explica o Papa em *Fratelli Tutti*, 271, «as várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. Como ensinaram os bispos da Índia, “o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor”».

³² Segundo o Censo Nacional de 2017, a população de Cabo Delgado aproxima-se dos 2.500.000 habitantes, dos quais, segundo o Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, 800.000 são católicos (organizados em 24 paróquias, unidades de subdivisão territorial e administrativa das dioceses) e 1.200.000 muçulmanos. Em <http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/censo-2017-brochura-dos-resultados-definitivos-do-iv-rgph-nacional.pdf/view>. Consultado em 20 de junho de 2022.

³³ Esta área de trabalho está a cargo de Karim Quintino, graduado em Ciência Política pela Universidade de Westminster, mestre em Teoria Política pela London School of Economics and Political Science e doutor em Ciência Política e Relações Internacionais pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Foi aluno visitante na Universidade de Oxford. Atualmente é investigador associado do CIEP-Centro de Investigação do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa e assessor parlamentar da Assembleia da República.

Relativamente ao papel e ação das instituições da Igreja católica, tanto moçambicanas como internacionais (por exemplo, as portuguesas), será utilizada uma metodologia semelhante à descrita, pretendendo-se identificar os objetivos, meios e finalidades determinados por esta a nível da diocese de Pemba, Cabo Delgado, tais como elencar os seus esforços para construir a paz e promover a pessoa humana no território da diocese, num contexto geográfico e cultural em que o catolicismo é uma minoria.

O ponto de partida é constituído pelas prioridades definidas pelo Bispo local, D. António Juliasse Sandramo, na sua ação diocesana, mas pretende-se também compreender os pedidos que apresentou à Conferência Episcopal de Moçambique sobre a relação institucional da Conferência com o governo moçambicano. E também, divulgar a forma como esta operação tem sido realizada – tentando redireccionar a estratégia inicial, definida por D. Luís Lisboa, seu antecessor – visando trabalhar para a segurança e o desenvolvimento na região de Moçambique³⁴.

Para integrar e iluminar os dados recolhidos junto dos atores locais, está em curso uma análise da literatura existente sobre o diálogo inter-religioso, procurando-se desenvolver linhas estratégicas aplicáveis ao caso específico de Cabo Delgado. Analisando as dinâmicas locais e usando exemplos de modelos já aplicados em campo, em geografias similares, procurar-se-á incorporar o diálogo inter-religioso numa estratégia mais ampla de construção da paz, a fim de desenvolver uma rede multidisciplinar para a integração das comunidades religiosas locais nesses mesmos esforços.

Essa contribuição parece relevante pois se considera, amplamente, a ideia de que os processos de paz têm maior chance de sucesso quanto mais grupos da sociedade civil forem incluídos neles, o que inclui atores religiosos. Por se tratar, também, de um conflito com putativos «argumentos» de natureza crente e/ou religiosa, tendentes ou manipulados para reforçarem e auxiliarem a legitimação ou a inspiração de posições extremas, e aceitando-se que a religião é um elemento central da identidade da maioria da população local, não seria possível desenvolver uma abordagem de construção da paz sem incluí-la. Assim se poderá melhor

³⁴ D. António Juliasse Sandramo, Bispo de Pemba, *Entrevista a Cristina Sá Carvalho*, 19 de abril de 2022 (via zoom).

compreender, pela definição deste quadro aplicada às dinâmicas locais, qual a contribuição do diálogo inter-religioso, que parece estar em curso, e as formas pelas quais ele pode ser realizado no futuro e potenciado.³⁵

«Tempestade perfeita»: concluir este ponto de partida para poder continuar

A ponte aérea da União Europeia, com equipamento de emergência, descarregados em Pemba em julho de 2021 e resultante dos esforços dos governos português e italiano, assim como a doação de milhares de vacinas contra a Covid 19, são exemplos que as populações locais consideram encorajadoras dos esforços necessários ao restabelecimento da paz e das condições de normalização da vida – interrompida – que permitirá a reconstrução de uma sociedade que tem a sua existência em suspenso. Mas a eclosão da guerra da Ucrânia desviou as atenções de Cabo Delgado e dificultou – pelo encaminhamento de recursos e o encarecimento dos bens alimentares e outros – a proteção oferecida a estas sacrificadas populações.

Novos ataques, entretanto, promoveram mais deslocados, e apesar de alguns avanços militares, com o apoio do Ruanda e da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), que recuperou zonas em que operavam os rebeldes, a violência continua a fazer-se sentir, expandindo-se para o sul, em lugares mais próximos da capital, Pemba. Enquanto isto, a comunidade internacional concentra-se na Europa, controlando os tempos de antena e a divulgação das notícias.

A eventual diminuição da solidariedade internacional põe em risco os deslocados de Cabo Delgado, cujo número continuará a crescer. Em declarações proferidas no Dia da África (25 de maio de 2022), o Secretário Geral das Nações Unidas, António Guterres, afirmou que está criada a «tempestade perfeita», com o aumento do custo dos alimentos, da energia e dos fertilizantes e os efeitos observam-se já em termos da nutrição e dos sistemas alimentares, tornando a capacidade do continente para mobilizar fundos, a investir na sua população, mais complexa e difícil.³⁶

³⁵ Esta área da investigação está a cargo de Joana Ramos, licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais e mestre em Estudos de Governação, Liderança e Democracia pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, com especialização em Resolução de Conflitos. Atualmente frequenta o doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais na mesma instituição, onde é também Research Fellow no respetivo Centro de Investigação. Ela também é, desde fevereiro de 2022, Assistente de Pesquisa da Professora Aili Tripp na Universidade de Wisconsin-Madison em sua pesquisa «Guerra, Revolução e Expansão da Cidadania Feminina».

³⁶ Em <https://news.un.org/pt/story/2022/05/1790322>. Consultado em 20 de junho de 2022.

Mas António Guterres, na mesma mensagem, também se referiu ao brilhante futuro que a região pode ter devido à «crescente e vibrante população jovem», destacando ações relevantes, como a Área de Livre Comércio Continental Africana, a Década da Inclusão Financeira e Económica das Mulheres e a visão para o desenvolvimento definida pela União Africana na Agenda 2063. Mas, como em Cabo Delgado, a tragédia também espreita, com os efeitos da pandemia, as mudanças climáticas, a crise alimentar acentuada e os conflitos armados:

renovo o apelo para que o mundo não esqueça Cabo Delgado...; é preciso continuar a salvar vidas em condições de extrema pobreza; a violência terrorista e a crise humanitária continuam.³⁷

Muitos são os que pensam que a tragédia de Cabo Delgado não terá um fim sem o contributo decisivo das organizações religiosas no terreno, inspiradas pelos desejos – radicados na fé de cada um e no desejo comum de bem – de fraternidade e de paz. O que distingue a abordagem a partir das Igrejas e da fé dos fiéis é um desejo duradouro de paz e prosperidade que evita a perenidade das ideias ou das modas políticas e obvia a mix desgovernada dos interesses casuais e sectários: trata-se de promover a dignidade da pessoa, o desenvolvimento integral dos povos e de fortalecer os Direitos Humanos inscritos no seu coração pela ação criadora de um Deus comum que é Pai.³⁸

É necessário desenvolver, pois, um modelo que responda a essas exigências de paz e desenvolvimento das populações locais, verificar a possibilidade de criar espaços de diálogo e discussão com os rebeldes, dando protagonismo às Igrejas locais, e de mostrar a relevância da religião na comunidade como veículo para promover o sentimento de pertença, proporcionando uma rede de apoio revigorante. Também se trara de identificar os princípios fundamentais que orientam e incentivam a moderação na vida pública e de propor formas pelas quais as comunidades religiosas podem ajudar outras organizações a contribuir para a melhoria da vida e das expectativas de futuro dos jovens em Cabo Delgado, isto é, um desenvolvimento eficaz e oportunidades consistentes.

³⁷ Bispo de Pemba, D. António Juliase, em entrevista à Agência Ecclesia e Fundação AIS, 23/05/22. Em <https://agencia.ecclesia.pt/portal/mocambique-sofrimento-continua-alerta-bispo-de-pemba-pedindo-ajuda-para-cabo-delgado/>. Consultado em 22 de junho de 2022.

³⁸ «Trata-se, sem dúvida, doutra lógica. [...] Mas, se se aceita o grande princípio dos direitos que brotam do simples facto de possuir a inalienável dignidade humana, é possível aceitar o desafio de sonhar e pensar numa humanidade diferente. É possível desejar um planeta que garanta terra, teto e trabalho para todos. Este é o verdadeiro caminho da paz, e não a estratégia insensata e míope de semear medo e desconfiança perante ameaças externas. Com efeito, a paz real e duradoura é possível só “a partir de uma ética global de solidariedade e cooperação ao serviço de um futuro modelado pela interdependência e a corresponsabilidade na família humana inteira”». Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, 127.

Os Bispos para África escreveram que «se queres a paz, trabalha pela justiça», explicando que é mais fácil prevenir a guerra do que tentar pará-la depois de desencadeada, e que é tempo de os povos quebrarem as espadas e delas fazerem os instrumentos com que poderão cultivar os produtos que irão alimentá-los.³⁹ Esperamos igualmente alcançar, como «produto» secundário deste trabalho, o conhecimento necessário para colaborarmos no desenho de diretrizes eficazes para políticas educacionais locais e comunitárias, que permitam o desenvolvimento de infraestruturas educacionais de nível pós-primário, se possível, de natureza pré-formação profissional, muito necessárias à integração e formação dos jovens.

Será um contributo que reforce o apoio «ao incremento da ajuda humanitária e à promoção do desenvolvimento como meio de alcançar uma paz efetiva e duradoura» e que necessita que o mundo continue informado – e ativo –, dando voz aos que não têm voz «sobre a crise humanitária de Cabo Delgado e investiguem as diferentes causas desta violência, evitando leituras parcelares.»⁴⁰ Pois, como escreveu S. João Paulo II, a propósito do continente africano e das suas muitas necessidades e imensas potencialidades,

dotado de uma dignidade tão incomparável, o homem não pode viver em condições infra-humanas de vida social, económica, cultural e política. Está aqui o fundamento teológico da luta pela defesa da dignidade pessoal, pela justiça e a paz social, pela promoção humana, a libertação e o desenvolvimento do homem todo e de todo o homem. E aqui está também a razão pela qual, tendo em conta esta dignidade, o progresso dos povos — no âmbito de cada nação e nas relações internacionais — deverá realizar-se de maneira *solidária*, como justamente observava o meu predecessor Paulo VI. Nesta perspectiva, ele pôde sentenciar: «**O desenvolvimento é o novo nome da paz**». Assim, pode-se dizer com justa razão que «o desenvolvimento integral supõe o respeito da dignidade humana, que só pode realizar-se na justiça e na paz».⁴¹

³⁹ Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para África, *Propositio* 1.

⁴⁰ Texto de pelo à participação no Webinar Cabo Delgado: Prioridade às Pessoas (14 de dezembro de 2021), com a participação de D. António Juliasso; Zenaida Machado, investigadora da Human Rights Watch; Ivone Soares, deputada e jornalista moçambicana; Isabel Santos, eurodeputada pelo grupo S&D; numa conversa moderada pela jornalista portuguesa Cândida Pinto. Tratou-se de uma iniciativa conjunta da Caritas Portuguesa, do Centro Missionário Arquidiocesano de Braga, da Comissão nacional Justiça e Paz, da Fundação Fé e Cooperação, da Fundação Gonçalo da Silveira e da ONG Rosto Solidário, com trabalho realizado na cooperação com África, o empoderamento das mulheres africanas, a educação e o desenvolvimento cultural em países como Moçambique.

⁴¹ Papa S. João Paulo II, *Ecclesia In Africa*, 69. Refere-se a Papa Paulo VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967), n.ºs 48 e 87. Sublinhado nosso.